

No DF, 1% tira o sustento do lixo

JORNAL DE BRASÍLIA 23/10/2005

DF- FRANCISCO STUCKERT

Uma pesquisa realizada por Marcel Bursztyn, diretor do Centro de Desenvolvimento Social, da Universidade de Brasília (UnB), mostra que 1% da população economicamente ativa do Distrito Federal sobrevive da coleta e comercialização de lixo nas ruas. Das 917.800 pessoas que hoje possuem alguma atividade produtiva no Distrito Federal, 9.178 vivem nessas condições, segundo dados do último levantamento feito pela Secretaria do Trabalho do GDF.

Marcel Bursztyn vem estudando de perto, nos últimos seis anos, as comunidades de rua do DF. Segundo o pesquisador, 70% dessas pessoas são provenientes da região Nordeste e metade desse contingente vêm de ci-

dades do interior da Bahia mais próximas de Brasília, como Barreiras, Correntina, Bom Jesus da Lapa e Santa Maria da Vitória.

Aqueles que hoje vivem perambulando nas ruas da cidade chegam ao DF motivados por três razões básicas, detectaram as centenas de questionários aplicados pelas pesquisas já realizadas, nos últimos seis anos, por Marcel Bursztyn: a população de Brasília é financeiramente muito generosa, o lixo é farto e há sempre o que comer.

As pessoas migram para o DF em busca de comida, a população daqui é generosa e o lixo é cheio de coisas reaproveitáveis

Esse último item, diz o pesquisador, revela uma outra realidade: "A grande maioria dos que migram para Brasília não vêm para cá à procura de emprego e da boa acolhida dos poderes constituídos, como ocorria nos primeiros anos de construção da cidade. As pessoas chegam aqui em busca da sobrevivência, atrás de comida e de atividades que rendam pelo menos o suficiente para a compra de algum alimento, como é caso dos que vivem do lixo reciclável". Para Bursztyn, a constante

migração de famílias do meio rural nordestino e demais regiões do País para o DF deve-se ao crescimento da modernização do sistema de produção no campo, realidade que acabou por dispensar a mão-de-obra tradicional do agricultor e dos demais trabalhadores ligados à agricultura.

As invasões realizadas em regiões nobres da cidade são uma consequência natural, provocada por essas correntes migratórias contínuas, avalia o professor da UnB. "Por não se encaixarem no mercado de trabalho formal, acabam morando debaixo de pontes e estimulando as invasões, o que gera um sério problema social, de difícil solução para o Estado, explica o pesquisador.



A COLETA de sucatas e de refugos sustenta 9.178 pessoas